

# As habilidades militares de Ricardo I no *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi* (1217-1222)<sup>1</sup>

Gabriel Toneli Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo expor as habilidades militares ideais na crônica *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*, que se dedica a narrar a participação de Ricardo I na Terceira Cruzada do Oriente. Considerado o primeiro rei-cavaleiro, abordaremos brevemente o estado da cavalaria medieval durante o período deste rei inglês, sua ética e seu processo histórico que levaria no aumento do grau de formalização, se instituindo em uma ordem distinta de combatentes. Faremos também uma pequena exposição da visão historiográfica moderna sobre a cruzada, mais precisamente da atuação de Ricardo I. Escrito entre 1217 e 1222, procuramos salientar o aspecto de crítica a João I da crônica e também seu caráter de promoção de uma figura régia vista como ideal destinada a Henrique III. Procuramos desta forma demonstrar como é feita a caracterização de um rei ideal, em especial no tocante à guerra, indicando quais as virtudes militares celebradas pelo autor.

**Palavras-chave:** Rei ideal – cavalaria – Ricardo I – modelo régio

**Abstract:** This article aims to expose the ideal military skills in the chronicle *Itinerarium Peregrinorum and Gesta Regis Ricardi*, which is dedicated to narrating the participation of Richard I in the Third Crusade of the East. Considered the first knight-king, we will briefly discuss the state of medieval cavalry during the period of this english king, its ethics and its historical process that would lead to an increase in the degree of formalization, establishing itself in a different order of combatants. We will also make a brief exposition of the modern historiographical view of the crusade, more precisely of the performance of Richard I. Written between 1217 and 1222, we tried to emphasize the criticism aspect to John I of the chronicle and its character of

---

<sup>1</sup> Este artigo baseia-se em pesquisa anterior realizada durante o trabalho de conclusão de curso, porém com um novo enfoque na problemática. Para procurar nossa pesquisa anterior, pesquisar: RODRIGUES, G. **Ricardo I: o rei ideal no *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*.** 69 f. Trabalho de Graduação (Bacharelado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

<sup>2</sup> Graduado em História, Memória e Imagem pela Universidade Federal do Paraná.

promoting a royal figure seen as an ideal destined for Henry III. In this way, we try to demonstrate how the characterization of an ideal king is build, especially in terms of warfare, indicating the military virtues celebrated by the author.

**Keywords:** Ideal king - cavalry - Richard I - royal model

O início do século XIII foi palco de sensíveis mudanças na configuração geopolítica entre os reinos de França e da Inglaterra. Com a morte do rei inglês Ricardo I (1157-1199), iniciou-se um importante processo que culminaria com a perda dos principais territórios ingleses no continente em favor da coroa francesa, notabilizando-se a Normandia, a Bretanha, Anjou e consideráveis porções da Aquitânia (GILLIGHAM, J. 2001, p. 92-94). A privação de todos estes territórios se concretizou durante o reinado de João I (1166-1216), sucessor de seu irmão Ricardo. O reinado de João, mais conhecido como João-sem-terra, ficou deste modo caracterizado por suas debilidades militares, verificando efetivamente a perda da maior parte das possessões inglesas no continente. A batalha de Bouvines em 1214, selaria o domínio para a coroa francesa de grande parte do território que hoje configura a França moderna (GILLIGHAM, J. 2001, p. 103-107). A derrota em Bouvines ofereceu uma nova oportunidade para que os barões ingleses, já descontentes a muito pelas ações centralizadoras de João, pudessem impor a assinatura da Magna Carta em 1215 apoiados por parte do clero (GILLIGHAM, J. 2001, p. 107). Em conjunto com a revolta dos barões, no final de seu reinado João também precisou enfrentar uma invasão francesa na Inglaterra, liderada por Luís, filho de Felipe Augusto, a qual

receberia apoio de parte dos barões descontentes (GILLIGHAM, J. 2001, p. 108). Com a morte de João em 1216, a coroa inglesa se deparava com uma classe baronial dividida e revoltosa, uma invasão francesa que já chegara a Londres e um herdeiro de apenas nove anos, que viria a ser coroado como Henrique III (1207-1272)<sup>3</sup>.

A falta de um governante hábil no reinado de João (GILLIGHAM, J. 2001, p. 95) gerou a preocupação para que seu sucessor fosse diferente, respeitando os barões e o clero, sendo um líder militar mais bem preparado do que João fora. Relembrar o passado para ter um futuro mais promissor, parece ter sido o caminho escolhido por membros da Igreja. A redação do *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi* entre 1217 e 1222 é oportuna por idealizar a figura não só de Ricardo I, mas a do próprio conceito de Rei. Redigida em latim por Richard de Templo, a crônica se detém na narração da Terceira Cruzada do Oriente (1189-1192), mais precisamente na participação de Ricardo nela<sup>4</sup>. O cronista foi um capelão do priorado agostiniano da Santíssima Trindade em Londres entre 1222 e 1248 ou 1250, sendo subordinado a Stephen Langton (1150-1228), arcebispo de Canterbury, um dos

---

<sup>3</sup> Sobre o reinado de João I, ver: BARLOW, F. **The Feudal Kingdom of England, 1042-1216**. Harlow: Pearson Education. 1999 / CARPENTER, D. **Struggle for Mastery: The Penguin History of Britain 1066-1284**. Londres: Penguin. 2004 / DANZIGER, D; GILLINGHAM, J. 1215: **The Year of the Magna Carta**. Londres: Coronet Books. 2003 / HUSCROFT, R. **Ruling England, 1042-1217**. Harlow: Pearson. 2005

<sup>4</sup> Para saber mais sobre a confecção da obra, ver: STAUNTON, M. *Richard of Devizes, Walter Map, and Richard de Templo: History and Literature*. In: **The Historians of Angevin England**. Oxford University Press: Oxford, 2017. P. 128-152

principais rivais de João I e um dos idealizadores da Magna Carta. Como H. Nicholson aponta, o objetivo do autor não se limitava a expor a visão dos contemporâneos de Ricardo I sobre este monarca inglês, mas principalmente expor os feitos de Ricardo para a nova geração (NICHOLSON, H. J, 2016, p. 19). Ao mostrar um comandante militar mais habilitado e eficiente, que garantia a lealdade de sua hoste sendo generoso e liderando através do exemplo, o autor demonstra o contraste entre o antigo rei e o novo. Utilizaremos neste artigo a edição crítica realizada pela Dr. Helen J. Nicholson no ano de 1997 e reeditada em 2016 (NICHOLSON, H. J, 2016), na qual a autora utiliza de uma edição publicada por William Stubbs em 1864 (STUBBS, W. 1864) para traduzir a crônica do latim para o inglês moderno.

Entendemos a crônica medieval como sendo uma realização discursiva narrativa, feita com bases de uma tradição literária cristã, num processo de recriação com intenção de registrar uma verdade mesmo que incorpore alguns elementos ficcionais (GUIMARÃES, M. L, 2012, p. 57). Ela pode ser geral ou particular, tratando de um indivíduo ou de um reino inteiro, com a proposta de legitimar seus promotores e servir como uma fonte de exemplos e contraexemplos para a sociedade<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Para saber mais sobre o estudo de crônicas medievais, ver: GUIMARÃES, M. L. **Estudo das representações de monarca nas crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV).** O espelho do rei: “- Decifra-me e te devoro”. 289f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Arte. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. / GUIMARÃES. M. L. Crônica de um gênero histórico. In: **Revista Diálogos Mediterrâneos**, n. 2 – maio, 2012, p. 67-78 / GUIMARÃES. M. L.

Em pesquisa anterior (RODRIGUES, G. T, 2017), identificamos um conjunto de habilidades que caracterizavam Ricardo como um rei ideal, do qual separamos entre habilidades militares e habilidades cristãs. Acreditamos que a valorização das habilidades de Ricardo na Cruzada pode ser considerada uma afronta a João-sem-terra, ao tempo em que é construído uma definição de perfil régio com tonalidades cristãs, no qual o principal aspecto deste modelo de rei é a identificação com os valores da cavalaria medieval. Nossa trabalho se centrou na caracterização desse ideal de rei na crônica como crítica a João e como modelo de referência a seu filho, Henrique III. Para isso, almejamos realizar uma reflexão acerca da própria cavalaria medieval, entendida como repositório de valores vistos como primordiais para a constituição de um bom rei, tais como: valentia, generosidade e amizade. Buscamos, desta forma, analisar também outros aspectos entendidos como positivos com base a mentalidade da época, como: a aplicação da justiça, o combate a tirania, a proteção dos fracos e oprimidos e a manutenção da paz.

A escrita no século XIII recebeu cada vez mais importância na promoção da figura régia ou para propor um modelo de rei ideal (MOCELIM, A. 2013, p. 142), deste modo, na crônica Ricardo I reuni todas as características de um bom rei: cristão, virtuoso, conquistador e

---

*As intenções da escrita da História no outono da Idade Média.* In: TEIXERA, I. S; BASSI, R. (org.). **A Escrita da História na Idade Média**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2015. P. 76-89 / SANCHEZ, P. J. G. **El género historiográfico de la chronica: las crónicas hispanas de la época visigoda**. Cáceres: Universidad de Extremadura. 1994

justo<sup>6</sup>. O rei inglês acaba inaugurando uma nova concepção de modelo régio no qual as virtudes cavaleirescas formam o princípio de governo: o rei-cavaleiro (FLORI, J. 2002). Indicamos em nosso TCC como a valorização do caráter guerreiro pela Igreja se insere na aproximação entre ela própria e a cavalaria, constituindo, deste modo, o comportamento visto como digno aproximado da ética cavaleiresca entre os séculos XII e XIII. Este período também é um momento importante para a afirmação da cavalaria como ordem, assumindo um perfil social, ético e ideológico. Foi verificado deste modo, que para a Igreja cada vez mais a função de líder militar do rei é valorizada.

Nossa proposta para este artigo é apresentar as habilidades militares de Ricardo I e demonstrar como essas destrezas são expostas na crônica. Faremos uma breve exposição da própria Terceira Cruzada no intuito de auxiliar o leitor a se situar durante a abordagem dos trechos da crônica, que será feito em um momento posterior. Será exposto da mesma forma um sucinto resumo do desenvolvimento da cavalaria medieval, levando em consideração a relação de Ricardo I com essa confraria de guerreiros, sendo considerado um rei-cavaleiro (FLORI, J. 2002).

---

<sup>6</sup> Estas quatro características de modelo régio foram identificadas por A. Mocelim em sua tese sobre a Crônica Geral da Espanha: MOCELIM, A. “**Segundo conta a estória...”** A Crônica Geral de Espanha de 1344 como um retrato modelar da sociedade hispânica tardo medieval. 2013. 317. Tese (doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFPR. Curitiba, 2013.

## A Terceira Cruzada do Oriente (1189-1192)

A origem da Terceira Cruzada do Oriente é consequência da derrota das forças cristãs na batalha de Hattin em 1187 frente as forças de Saladino (Salah al-Din Yusuf **ibn** Ayub, 1138-1193), no que ocasionou a perda da cidade de Jerusalém. O que restara dos territórios frances na Síria se constituía no combalido principado da Antioquia, do condado de Trípoli e da cidade costeira de Tiro (ROUSSET, P. 1980, p. 150). Conclamando uma nova Cruzada, Gregório VII (1108-1187) proclamou uma Trégua de Deus de sete anos, auxiliando o cardeal de Albano, Henrique de Mercy, e o Arcebispo de Tiro na pregação para que os monarcas cristãos tomassem a cruz (ROUSSET, P. 1980, p. 151). Desta forma, três soberanos tomaram o manto cruzado: Frederico I (1122-1190), imperador do Sacro Império; Felipe II (1165-1223), rei da França e Henrique II (1133-1189), rei da Inglaterra, mas substituído por seu filho Ricardo I após sua morte.

Optando por partir à frente de seus companheiros cruzados, Frederico I escolheu por seguir a rota pelos Balcãs e por Constantinopla (ROUSSET, P. 1980, p. 153). Chegando à Ásia Menor, ao tentar atravessar o rio Selef na Cilicia no começo de julho de 1190, acabou caindo do cavalo e morrendo afogado em decorrência do peso da armadura (ROUSSET, P. 1980, p. 154). Apenas uma pequena parte da hoste alemã conseguiu chegar até São João d'Acre, ajudando no cerco cristão desta.

As hostes inglesa e francesa saíram juntas de Vézelay em 4 de julho de 1190 em direção à Sicília (RUNCIMAN, S. 1958, p. 34). A hoste cruzada ficou todo o inverno na ilha, enquanto não era possível fazer a viagem por mar até a Síria. Quando chegou a primavera, os reis cruzados começaram a fazer as preparações para a viagem. Felipe Augusto zarpou de Messina em 30 de março de 1191 e Ricardo partiu da cidade no dia 10 de abril (RUNCIMAN, S. 1958, p. 40). Ventos fortes e uma tempestade forçariam, entretanto, a frota inglesa a se dispersar, levando alguns dos navios até o Chipre que à época era governada por Isaac Ducas Comneno. No período em que esteve na ilha, durante a maior parte de maio e começo de junho, Ricardo I se empenhou na conquista do território cipriota, tendo efetivo sucesso (RUNCIMAN, S. 1958, p. 41-44). Segundo Runciman “A Ricardo personalmente la conquista de Chipre le pareció más valiosa aúñ por las inesperadas riquezas que le trajo. Pero de hecho fué el éxito de más largo alcance y duración de todos los que obtuvo él em la Cruzada” (1958, p. 44).

Chegando em Acre, onde já se encontrava Felipe II, Ricardo I compensou a falta de iniciativa dos líderes cristãos reanimando o espírito combativo da hoste cruzada (RUNCIMAN, S. 1958, p. 45). A situação do cerco que havia sido iniciado em 1189 era bem peculiar, visto que ao redor do acampamento cruzado, se encontrava também um cordão de forças muçulmanas. Qualquer ataque a Acre empreendido pelos cruzados prontamente resultava no contra-ataque pelas forças de

Saladino, dificultando as iniciativas dos sitiadores. O desgaste natural depois de dois anos de sítio e o novo vigor trazido pelas forças inglesas e francesas, contribuíram para que no começo de julho a guarnição da cidade optasse a abandonar a luta (ROUSSET, P. 1980, p. 154-157).

Após a reconquista de Acre, Felipe II parte da Terra Santa de volta à França, deixando Ricardo I como líder único das forças cruzadas. No caminho até Jaffa, a hoste cristã teria seu maior êxito dentro da cruzada na vitória em Arsuf, mas não chega a representar muito para o restante da campanha. Ricardo lideraria as forças cristãs por duas vezes em direção à Jerusalém, em novembro de 1191 e junho de 1192, sem assediá-la, no entanto.

Durante sua passagem pela Síria, Ricardo I notabilizou-se por suas rixas com outros líderes cristãos, especialmente o marquês Conrado de Monferrato (1140-1192). Sua intervenção na manutenção da coroa do reino de Jerusalém em favor de Guido de Lusignan, fez com que entrasse em choque com o marquês, que também tinha pretensões ao trono, e com a hoste francesa, que apoiava Conrado (OLDENBOURG, Z. 1968, p. 514).

Ao final da cruzada, já combalida em razão do esfacelamento das forças cristãs, Ricardo I ainda venceria uma vez mais Saladino<sup>7</sup> em Jaffa no final de setembro de 1192, reconquistando a cidade do líder aiúbida novamente e guardando-a contra uma nova investida

---

<sup>7</sup> Para saber mais desse líder muçulmano: HINDLEY, G. **Saladin**. London: Constable & Company Ltd., 1976.

muçulmana (RUNCIMAN, S. 1958, p. 68). Neste momento o rei inglês não se encontrava bem de saúde e lhe chegavam notícias alarmantes das movimentações de seu irmão João na Inglaterra, culminando na assinatura de um tratado de paz por cinco anos entre os cristãos e muçulmanos, garantindo o controle das cidades costeiras até Jaffa para os cristãos, a peregrinação até Jerusalém e a livre passagem de sarracenos e cristãos em territórios de ambos, em contrapartida a fortaleza de Ascalão deveria ser demolida. Z. Oldenbourg ressalta o aspecto negativo de tal acordo, no qual ratifica o abandono de Jerusalém, da Galileia, da Judéia e da Transjordânia (1968, p. 523)<sup>8</sup>.

## A cavalaria no tempo de Ricardo I

A cavalaria medieval pode ser entendida como um grupo profissional formado por guerreiros de elite em sua essência, no qual além de seu aspecto militar agrega uma conotação cada vez mais aristocrática (FLORI, J. 2002b, p. 185). Para L. Hoecke:

Estabelecendo tal ordem feudal (tripartida), diante das movimentações populacionais europeias a partir do século

---

<sup>8</sup> Neste artigo optamos por utilizar uma bibliografia mais básica sobre a cruzada por não ser nosso foco neste trabalho, mesmo que tenhamos contato com diversas outras obras mais recentes e por entendermos que a bibliografia selecionada é o suficiente para contextualizar o leitor. Sobre as Cruzadas: CHRISTIE, N. **Muslims and Crusaders**: Christianity's Wars in the Middle East, 1095-1382, from the Islamic Sources. Routledge: London, 2014 / JOTISCHKY, A. **Crusading and the Crusader States**. Routledge: London, 2004. / MACEVITT, C. **The Crusades and the Christian World of the East**: Rough Tolerance. University of Pennsylvania Press: Philadelphia, 2008 / PHILLIPS, J. **The Crusades**, 1095-1197. Longman: Edinburgh, 2002.

IV, as ações dos diferentes povos bárbaros diluindo a ordem romana do mundo, põem em questão o guerreiro expropriador e angariador de espólios de guerra que migra de lado a lado buscando conquistas, com ou sem exército/agrupamento fixo. A ordem que se estabelece é a das propriedades protegidas por reis e súditos com relações determinadas por laços morais, que cria e delimita uma categoria muito valorizada pela força: os cavaleiros. (2014, p. 114)

Para J. Flori a cavalaria é fruto da fusão gradual na sociedade aristocrática e guerreira entre o final do século X e o fim do XI, de elementos de ordem política, militar, cultural, religiosa, ética e ideológica, resultando no decorrer do século XII nos traços característicos da cavalaria, com uma ética própria, uma instituição moral e ideologia (FLORI, J. 2005, p. 15). Este corpo de guerreiros começa se tornar cada vez mais uma ordem por conta de seus privilégios, pela adoção de comportamentos e mentalidade vindos da aristocracia, acabando por conferir uma posição mais alta do que os simples trabalhadores na pirâmide social (DUBY, G. 1979a, p. 49).

Já no final do século XI os cavaleiros são vistos juridicamente como um grupo coeso, limitado, reunido na qualidade de famílias e hereditariedade (DUBY, G. 1979b, p. 34). A definição jurídica designada aos cavaleiros, *miles*, torna-se cada vez mais um título (DUBY, G. 1979b, p. 36), reunindo os valores morais e superioridade hereditária das quais eram comuns as diversas camadas da aristocracia acabava por reuni-las e misturá-las com os mais altos estratos da estrutura social, juntando aqueles provenientes a aristocracia tradicional com indivíduos das camadas mais ínfimas (DUBY, G. 1979b, p. 36).

Além disso a ascensão do termo *miles* como título é resultado da isenção da aplicação das banalidades neste grupo, juridicamente caracterizando-o como classe coerente, delimitada e que necessita de um título para expressar sua singularidade (DUBY, G. 1979b, p. 46). O processo de aliciamento da cavalaria pela aristocracia desde o século XI torna-se completo por assim dizer no século XIII (FLORI, J. 2002a, p. 185), quando esse grupo de guerreiros assume a ideologia aristocrata, constituindo-se como expressão militar dessa aristocracia, que a domina e limita a entrada de novos membros (FLORI, J. 2002a, p. 185). Surge então uma ideologia cavaleiresca influenciada também pela literatura, na idealização de personagens como Rolando ou Lancelot. Este tipo de literatura contribui na formação de um espírito da cavalaria, transformando-a em instituição, com um modo de viver e pensar (FLORI, J. 2002a, p. 186). Segundo A. Bertoli:

Os cavaleiros sonhavam com um modelo de nobreza, normalmente espelhado em reis e príncipes que eram “pintados” como belos, bons, ousados, valentes, valorosos, leais, protetores e, acima de tudo, justos. Ou seja, idealizavam e almejavam atingir a perfeição através da prática das virtudes cavaleirescas, o que havia sobrado daquele ideal de nobreza. (2009, p. 73)

Retornando ao termo *miles*, G. Duby indica três fatores para seu sucesso: o primeiro fator é técnico, com a superioridade do combate a cavalo; o segundo fator é social, já que existia a ligação entre o andar a cavalo com o gênero de vida aristocrático; por fim, é institucional na limitação do serviço armado a uma camada restrita (DUBY, G. 1979, p.

39). A unidade da cavalaria como instituição também é entendida por três aspectos: econômico (dado sua diferenciação dos trabalhadores braçais), o caráter de missão da cavalaria (referindo-se à proteção dos desfavorecidos e da Igreja) e a moral envolta à cavalaria (isto é, seus deveres principais, que seriam o de *miles Christi*, a *valentia*, lealdade e submissão a Igreja) (DUBY, G. 1979, p. 112). Assim, para G. Duby, são os exercícios das virtudes acima possilitam a aristocracia reunir-se num grupo homogêneo, se tornando *prud'hommes* (DUBY, G. 1979, p. 112). Cabe destacar a influência da Igreja no processo de criação da mentalidade cavaleiresca, na lenta introdução de alguns valores como: a proteção das igrejas, dos fracos e desarmados e a luta no exterior da Cristandade contra o infiel (FLORI, J. 2002a, p. 186)<sup>9</sup>.

No que se refere a Ricardo I e a sua relação com a cavalaria, de acordo com J. Flori, o rei inglês assumia valores cavaleirescos como generosidade, cortesia, respeito pelos juramentos (FLORI, J. 2002, p. 295). Notamos no *Itinerarium* como Ricardo procura assumir uma postura de *faire chevalerie* (FLORI, J. 2002, p. 298), isto é, cumprir o ato de guerra à maneira dos cavaleiros, com cargas gloriosas e heroicas, seguindo um comportamento considerado digno e alinhado a ética cavaleiresca do final do século XII e durante o século XIII, quando adquire valor institucional, impondo, segundo J. Flori um modelo cultural: o ideal cavaleiresco (FLORI, J. 2002, p. 298). No século XIII a

---

<sup>9</sup> Para saber mais sobre o papel da Igreja no desenvolvimento da cavalaria medieval, ver: KAEUPER, R. W. **Chivalry and violence in medieval Europe**. Oxford: Oxford University. 1999

cavalaria já havia se constituído num corpo bem delimitado, posicionado no centro do edifício social, depois de ter adquirido a superioridade e excelência antes ligada à nobreza (DUBY, G. 1979, p. 31)<sup>10</sup>. Para J. Flori, foi durante a vida do rei inglês o período da fusão entre os termos *mile*, *milites* e *militia* com os de *chevalier* e *chevalerie* (FLORI, J. 2002, p. 298). Portanto, além da função puramente militar da terminologia, desenvolve-se uma diversidade de significados, abrangendo a ordem social, ética e ideológica (FLORI, J. 2002, p. 298). O desenvolvimento da cavalaria pesada como força principal no campo de batalha, dotada de um armamento, técnica e táticas de combates específicas, de um prestígio e uma ética própria, transformam a antiga cavalaria de transporte para uma cavalaria de combate (FLORI, J. 2005, p. 71).

Como vimos, o processo de formalização da cavalaria se tornou mais agudo na época de Ricardo, se transformando mais sensivelmente no período posterior a sua morte numa confraria de nobres cavaleiros da elite social (FLORI, J. 2002, p. 304). De acordo com J. Flori, durante a vida de rei inglês que a cavalaria passa a imitar as cortes principescas, adota a ideologia aristocrática e tende a fundir-se com a nobreza (FLORI, J. 2002, p. 304). Por outro lado, os príncipes adotam também

---

<sup>10</sup> Compreendemos o conceito de nobreza na Idade Média como, sobretudo ser percebido e considerado como nobre, com uma maneira característica de viver, se mostrar e agir. São fatores determinantes que a definem e a delimitam: o nascimento, a generosidade e a pompa. Para ver mais: FLORI, J. **A cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. Tradução de: SANTOS, E. T. Editora Madras: São Paulo. 2005. Título original: La chevalerie. P. 117.

valores ditos cavaleirescos, como a valorização do papel de guerreiro e do companheirismo guerreiro (FLORI, J. 2002, p. 304). Esse processo já vinha se desenvolvendo por parte da aristocracia desde o século XI, quando há uma valorização da profissão dos cavaleiros decorrente da militarização da sociedade medieval (FLORI, J. 2002a, p. 189).

Como um dos expoentes de rei-cavaleiro, Ricardo I procurou realizar proezas no campo de batalha. Segundo J. Flori, o que identifica um rei-cavaleiro é a adoção dos valores guerreiros e cavaleirescos como virtudes cardinais e também a adoção da cavalaria como princípio de governo feito por Ricardo, que se identificava com esta ordem, assumindo-a e exaltando seus valores, criando para o autor um novo modelo de soberano (FLORI, J. 2002, p. 306).

Retornando aos séculos X, XI e XII, a Igreja se esforçou em tentar limitar por meio das instituições de paz, a belicosidade dos cavaleiros e promover a defesa da própria Igreja, das mulheres, dos pobres e desprotegidos (FLORI, J. 2002a, p. 192). Isso porque a própria Igreja era a principal vítima das guerras feudais. Não se limitando as instituições de paz, outra ferramenta no controle do conflito armado foi o estabelecimento da Trégua de Deus, regrando certos dias semana e dias santos nos quais não poderia haver combates (FLORI, J. 2002a, p. 192). A promulgação da Paz de Deus, por outro lado, foi a grande tentativa do poder eclesiástico para colocar a cavalaria sobre sua influência, impondo certas regras de conduta, como a proibição de atacar pessoas desarmadas e não saquear igrejas, além do aliciamento

da força guerreira para enfrentar os inimigos da cristandade. Ao valorizar a atividade militar na forma de proteção da cristandade, o pensamento religioso no século X possibilitou no serviço de Deus e dos pobres, que a *nobilitas* e a *militia* se reunissem (DUBY, G. 1979, p. 45). A Paz de Deus acabou por exaltar a função militar, associando-se a uma noção de reino de Deus (DUBY, G. 1979, p. 48). Aliada a trégua de Deus e ao espírito de Paz que está relacionado com a cruzada, a cavalaria torna-se uma das vias da *militia Dei*, se configurando em seu braço armado (DUBY, G. 1979, p. 48). Isso atribuiu tantos valores espirituais a cavalaria que a tornou mais atrativa para que membros da alta nobreza também tomassem o título de cavaleiros (DUBY, G. 1979, p. 48). Essas ações constituem os primeiros passos para J. Flori para a formação de uma ética cavaleiresca, sendo complementada pela reafirmação do papel régio, neste caso na segunda metade do século XII, compreendendo em parte o reinado de Ricardo I (FLORI, J. 2002, p. 318)<sup>11</sup>.

## As habilidades militares de Ricardo I

Ao longo do *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi* são encontradas referências ao código ético cavaleiresco medieval, identificando os modelos de virtude baseados no mesmo código sendo aplicados pela realeza, desenvolvendo-se assim um modelo de agir.

---

<sup>11</sup> Para ver mais sobre este tema relacionado aos mecanismos de controle por parte da Igreja para limitar a violência cavaleiresca, procurar: RUST, L. D. **Bispos guerreiros: violência e fé antes das cruzadas**. Editora Vozes: Petrópolis, 2018. P. 78-79

Distinguimos que ocorre uma identificação da nobreza/realeza e a cavalaria, expressando um modelo ideal de comportamento para aristocracia. Este ideal foi construído a partir de valores ligados a tradição, generosidade, firmeza, valentia e honra.

Tendo em mente a ordem tripartida no âmbito da sociedade feudal, constituída por “*oratores*”, “*bellatores*” e “*laboratores*”, a função do rei é aplicar a justiça, manter a paz, proteger a fé cristã e defender o território (DUBY, 1994). A partir do ano mil da era cristã, foi cada vez mais realçado o papel de guerreiro da nobreza e do monarca (BARTHÉMY, 2010, p. 205).

No contexto em que a crônica foi redigida, entre 1217 e 1222, havia sido reconhecido uma falta de comando e quebra das tradições por parte da realeza, entrando assim a construção da imagem de um rei ideal, como mantenedor da paz e aplicador da justiça, responsável pela garantia do bem comum, defensor da Cristandade e sobretudo um exemplo das virtudes cavaleirescas. Como afirma A. Mocelim, durante o século XIII a escrita passa a ter cada vez mais importância (MOCELIM, A. 2013, p. 105), se impondo como mecanismo de poder referente à promoção da figura régia, cujas “ideias, ainda que geradas num determinado contexto são imagens modelares e buscam construir modelos projetados sobre a realidade concreta” (MOCELIM, A. 2013, p. 105-106).

De acordo com a pesquisa de P. Contamine debruçada sob epopeias, crônicas, biografias e novelas medievais, o autor concluiu que

o valor na ética medieval é sobretudo um comportamento formalizado, relacionado a linhagem, baseada nos conceitos de honra, glória e renome póstumo (CONTAMINE, P. 1980, p. 480). Pudemos notar na leitura da fonte que estes mesmos conceitos fazem parte de um projeto de realização pessoal de Ricardo I. J. Flori afirma que o valor e a coragem tornam-se cada vez mais importantes na aristocracia no século XI e principalmente no século XII (FLORI, J. 2002, p. 372), resultando em cada vez mais príncipes e reis participando ativamente durante os combates, exortando o valor aos seus guerreiros por meio da palavra e do exemplo (FLORI, J. 2002, p. 372).

No caso do conceito de realeza medieval, optamos por adotar a definição do Dicionário Temático do Ocidente Medieval, definindo o rei no medievo como produto de uma ruptura e de uma inovação em matéria política, havendo uma unicidade do poder real no Ocidente medieval (2002b, p. 395). Distinguem-se três momentos da realeza neste período como parte de sua evolução, na qual são definidos em: o rei na época carolíngia, que se torna um rei ungido e um rei ministerial (torna-se um dever funcional defender a fé cristã); o rei administrativo que surge entre 1150 e 1250; e por fim, ao final da Idade Média, um rei que se encontra diante de um Estado sacralizado (2002b, p. 395). São características dessa realeza a hereditariedade, seu caráter cristão e sua ligação com a nobreza (2002b, p. 395-397), dependendo de uma estrutura fundamental de poder: a monarquia (2002b, p. 395).

Introduzindo-se à fonte, o primeiro extrato analisado se situa durante o percurso entre a Sicília e a Palestina, quando uma tempestade atinge a frota inglesa e força os navios a se dispersarem. No decorrer da tempestade, o desespero da tripulação não afetou Ricardo I, que manteve sua firmeza e encorajou seus homens: “Em toda aquela grande confusão, o rei permaneceu inabalável. Ele nunca desistiu de encorajar os outros e pediu que eles se sentissem confiantes e esperassem uma melhora nas condições” (NICHOLSON, H. J. 2016, p.158 – tradução nossa)<sup>12</sup>.

Ao chegar à costa do Chipre, notando a relutância de seus companheiros em enfrentar os guerreiros cipriotas, Ricardo se lança sozinho contra os defensores, demonstrando sua bravura: “Então o rei, percebendo que nosso povo não era corajoso o suficiente para sair dos botes e avançar para a costa, assumiu a liderança em saltar de sua barcaça para o mar, e corajosamente atacou os cipriotas” (NICHOLSON, H. J. 2016, p. 166 – tradução nossa)<sup>13</sup>. Seguindo o exemplo de seu rei, os soldados ingleses também desembarcaram, resultando em sua vitória:

---

<sup>12</sup> Optamos por colocar a versão traduzida de cada passagem analisada no corpo do texto para deixar a leitura mais fluida. As versões originais da edição utilizada serão indicadas nas notas de rodapé: “In all that great confusion the king remained unshaken. He never gave up encouraging others and urging them to be confident and hope for an improvement in conditions.”

<sup>13</sup> “Then the king, realising that our people were not bold enough to get out of the skiffs and advance on to the shore, took the lead himself in jumping out of his barge into the sea, and boldly attacked the Griffons.”

“O resto do nosso povo imitou sua determinação, acompanhou o rei de ambos os lados e se esforçou para colocar a resistência dos Grifos em fuga. Enquanto nosso povo corria sobre eles, seu exército fugiu, cortado em pedaços” (NICHOLSON, H. J. 2016, p. 166-167 – tradução nossa)<sup>14</sup>.

A próxima passagem situa-se após a chegada da força inglesa ao cerco à Acre, no qual já havia chego a hoste francesa. Neste momento tanto Ricardo I e Felipe II adoecem e precisam se manter afastados do teatro de operações do cerco. Percebendo os recorrentes fracassos das forças cristãs, mesmo não recuperado, o rei inglês, estando ansioso para participar dos combates ignora sua situação e organiza pessoalmente seus homens para tentar uma vez mais a tomada da cidade. Outra vez o cronista nos relata o papel de Ricardo de animar suas forças, arranjando seus soldados da melhor forma na visão do autor:

O rei Ricardo ainda não estava totalmente recuperado de sua doença. No entanto, ansioso por agir e decidido a tomar a cidade, tomou providências para que seus homens assaltassem a cidade, na esperança de que, sob a divina providência, ele fosse bem-sucedido. Ele tinha uma estrutura entrelaçada chamada *cercleia* [uma arma de cerco] construída, montada com grande cuidado. Ele decidiu que deveria ser levada para a vala do lado de fora da muralha da cidade. Por baixo ele colocou seus besteiros mais experientes, e fez com que ele [Ricardo] fosse levado junto com um leito de seda, para desencorajar os sarracenos com sua presença e encorajar seu próprio hoste a lutar. Lá ele usou sua besta, com a qual ele era habilidoso, e matou muitos atirando flechas e dardos contra

---

<sup>14</sup> “The rest of our people imitated his resolve, accompanied the king on both sides and strove to put the Griffons resistance to flight. As our people rushed on them their army fled, cut to pieces.”

eles. (NICHOLSON, H. J. 2016, p. 196 – tradução e grifos nossos)<sup>15</sup>

O próximo trecho analisado situa-se no momento posterior das forças cristãs saírem da cidade de Acre em direção à cidade de Jaffa, localizada no meio do caminho até Jerusalém, no qual Ricardo I organiza a hoste cruzada e se mantém na vanguarda da marcha. Neste momento, o cronista ressalta a importância do monarca estar à frente da hoste, sendo visto por seus guerreiros, a peça chave para a coesão do exército. Segue a passagem:

Seus corações tremem e eles pensam que seu comandante foi derrotado quando eles não podem ver seu emblema em exibição - e quando as pessoas estão aterrorizadas que o desastre se abateu sobre seu príncipe porque sua bandeira foi jogada para baixo, eles não recuperam facilmente sua força e não continuam resistindo ao adversário. (NICHOLSON, H. J. 2016, p. 298-299 – tradução nossa)<sup>16</sup>

Logo após o último trecho o cronista inicia seu relato da batalha de Arsuf, o mais emblemático combate direto entre Saladino e Ricardo

---

<sup>15</sup> “King Richard had not yet completely recovered from his sickness. However, he was eager to for action because he was very anxious to capture the city. So he arranged for his forces to storm the city, hoping that perhaps by divine grace might gain his wish. He had an interwoven framework called a *cercleia* built, constructed with great care. He decided that it should be brought out into the ditch outside the city wall. His most skilled crossbowmen stood underneath it. He had himself carried out to it on a silked bed, to discourage the Saracens with his presence and encourage his own people to fight. There he used his crossbow, with which he was skilled, and killed many by firing bolts and darts at them.”

<sup>16</sup> “Their hearts tremble and they think that their commander has been overcome when they cannot see his emblem on display - and when the people are terrified that disaster has befallen their prince because his banner has been thrown down, they do not easily recover their strength and continue to resist their adversary.”

I. Saindo vitorioso do combate, a atuação do rei inglês é dita de vital importância para o sucesso dos cristãos, liderando a carga da cavalaria contra as fileiras muçulmanas. Ao final do relato da batalha, Richard de Templo indica uma conversa entre os guerreiros muçulmanos e Saladino, ressaltando o valoroso e valente cavaleiro o qual Ricardo I era, se tornando impossível enfrentá-lo no campo de batalha. Segundo o autor:

Além disso, há algo especialmente surpreendente em um deles. Ele jogou nosso povo na desordem e os destruiu. Nós nunca vimos o seu tipo, nem conhecido alguém semelhante. Ele estava sempre à frente dos outros; em todos os combates ele era em primeiro lugar e acima de tudo como um valente cavaleiro de elite deveria ser. É ele quem mutila nosso povo. Ninguém pode ficar de pé contra ele, e quando ele captura alguém, ninguém pode resgatá-lo de suas mãos. Eles o chamam em sua língua “Melech Ricardo” [Rei Ricardo]. **Um rei assim, dotado de tamanha bravura e poderosamente conquista terras para si, certamente merece governar.** E o que pode ser feito contra um homem tão forte e invencível? (NICHOLSON, H. J. 2016, p. 237 – tradução e grifos nossos)<sup>17</sup>

Além do aspecto guerreiro de Ricardo, é interessante notar a vinculação entre o direito de governar e a conquista feita no final da

---

<sup>17</sup> “Besides, there is something especially amazing about one of them. He threw our people into disorder and destroyed them. We have never seen his like nor known anyone similar. He was always at the head of the others; in every engagement he was first and foremost as an elite and most doughty knight should be. It is he who mutilates our people. No one can stand against him, and when he seizes anyone, no one can rescue them from his hands. They call him in their language “ Melech Richard” [King Richard]. A king like this who is endowed with such great valour and powerfully conquers lands for himself certainly deserves to govern. And what can be done against such a strong and invincible man?”

passagem: Ricardo I mereceria o governo de seu território por ser valoroso e conquistador.

Durante a estadia da hoste cruzada em Jaffa, os cristãos tomaram uma série de iniciativas por ordem de Ricardo para tomar as fortificações ao redor da cidade. Enquanto o rei inglês estava coordenando a reconstrução de uma dessas fortalezas, Maen, um destacamento muçulmano emboscou um grupo de escudeiros cristãos que estavam recolhendo comida para os cavalos e mulas. Sabendo desse acontecimento, Ricardo reúne alguns poucos cavaleiros e parte em socorro de seus comandados, entretanto, ao chegar no local da batalha é então aconselhado por seus companheiros a não participar da batalha em razão da debilidade de combatentes cristãos face ao número de muçulmanos, devendo então fugir dali. Tal opção deixa Ricardo irado, sendo uma das únicas situações em que o cronista dá voz ao monarca inglês:

O rei mudou de cor enquanto seu sangue fervia, e respondeu às suas persuasões: 'Quando eu tiver pedido aos meus amados companheiros para irem em frente - que Deus me livre - porque eu estou ausente e ocioso, então eu nunca mais usurpar o nome do rei! ' E sem outra palavra ele colocou a espada a cavalo e com uma fúria indescritível - eu quase poderia dizer loucura - ele atacou os turcos, espalhou suas fileiras muito unidas com seu impacto poderoso, passando por eles como raios e derrubando muitos com um único golpe. (NICHOLSON, H. J. 2016, p. 245-246 – tradução e grifos nossos)<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> "When I have requested my beloved companions to go ahead to battle on the solemn promise that aid would follow, if I fail to do as I said and am not there to

A defesa de Ricardo do companheirismo aos seus guerreiros alinha-se, em nossa visão, ao que G. Duby escreve, sendo a sociedade medieval baseada na amizade e fé, no que gera uma combinação de confiança e fidelidade e fornece suporte para a existência de uma ordem hierarquizada da sociedade (DUBY, G. 1988, p. 183). Portanto, a ordem se mostrava fundada numa combinação de desigualdade, serviço e lealdade (DUBY, G. 1988, p. 183). Neste trecho podemos perceber a natureza dúbia dessa lealdade, isto é, não só seus companheiros partiam ao auxílio de seu senhor, mas também Ricardo fazia o mesmo em relação aos seus subordinados.

Essa notada luta incessante por glória por parte de Ricardo na crônica, insere-se na própria ética cavaleiresca ao ponto da importância da glória, do renome, junto ao senso de honra, já ligada a questões de linhagem e família, fazendo parte dos valores cavaleirescos, resulta na exaltação de virtudes de coragem, audácia e até, para J. Flori, de temeridade (FLORI, J. 2005, p. 91). A concepção de honra, intimamente ligada à coragem, se mantém presente em toda literatura relacionada a cavalaria no medievo, constituindo-se como a principal fundamento da ideologia cavaleiresca (FLORI, J. 2002, p. 159).

---

defend those who trust me so that they meet their deaths – which God forbid – because I am absent and idle, then may I never again usurp the name of king! And without another word he put spur to horse and with indescribable rage – I might almost say madness – he charged the Turks, scattered their close-knit ranks with his powerful impact, passing through them like lightning and throwing down a great many with a single blow.”

A natureza temerária do rei inglês em várias ocasiões foi alvo de avisos de seus companheiros durante a cruzada, que o alertaram do perigo de tal comportamento. Porém, como aponta o cronista, mesmo assim Ricardo manteve seu espírito bravio e era frequentemente o primeiro a pegar em armas e o último a abandonar o combate:

No entanto, em todos os combates ele ainda se alegrava em ser o primeiro a atacar e o último a recuar depois de terminado. Pois quem pode renunciar completamente à sua própria natureza, mesmo sob pressão? **De fato, ou através de seu valor ou certamente através da graça divina, ele quase sempre teve sucesso em seus empreendimentos, trazendo muitos turcos de volta com ele como prisioneiros e esmagando e decapitando aqueles que resistiram a ele.** (NICHOLSON, H. J. 2016, p. 243 – tradução nossa e grifos nossos)<sup>19</sup>

É interessante notar a ligação feita entre ser um valoroso guerreiro e o favor divino, alinhando-se ao que já foi citado anteriormente, na figura de Ricardo como defensor da fé cristã e, desse modo, abençoadão por Deus em qualquer iniciativa tomada.

Escolhemos apresentar por último a exaltação de Richard de Templo para Ricardo I no momento de sua coroação, que se constitui, em nossa visão, em um dos pontos máximos de elogio e figuração de um tipo régio ideal. Neste momento, o cronista compara e liga o recém coroado rei inglês aos heróis do passado, da mitologia grega e romana:

---

<sup>19</sup> “Nevertheless, in every engagement he still rejoiced to be first to attack and last to retire after it was over. For who can completely renounce their own nature, even under pressure? In fact, either through his valour or certainly through divine grace, he almost always succeeded in his undertakings, bringing many Turks back with him as prisoners and crushing and beheading those who resisted him.”

O rei Ricardo tinha o valor de Heitor, o heroísmo de Aquiles; ele não era inferior a Alexandre, nem menos valente que Roland. Não, ele facilmente superou em muitos aspectos as figuras mais louváveis de nossos tempos. Como outro Tito, sua mão direita espalhou ajuda. Além disso, o que é muito incomum para alguém tão renomado como um cavaleiro, a língua de Nestor e a sabedoria de Ulisses permitiram que ele superasse os outros em todo empreendimento, tanto em falar quanto em agir. Sua habilidade e experiência em ação igualaram seu desejo por isso; Seu desejo não revelou a falta de habilidade ou experiência. (NICHOLSON, H. J. 2016, p. 137 – tradução nossa)<sup>20</sup>

Este trecho se adequa ao que J. Le Goff afirma sobre a literatura medieval, na qual definia o bom rei como nascido na Antiguidade, seja de origem hebraica, helenística ou cristã (LE GOFF, J. 2002b, p. 401), então nada mais pertinente ao cronista em relacionar Ricardo a essas figuras da antiguidade. Além disso, no período das Cruzadas viu-se um ciclo literário relacionado ao tema dos denominados “Novos Bravos”, junto a elaboração de uma espécie de história santa da cavalaria, ligando modelos da Antiguidade, como Heitor e Alexandre, juntos com heróis da cavalaria cristã, como Carlos Magno e Arthur, e aos heróis da cavalaria bíblica, como Josué e Davi (FLORI, J. 2002, p. 197).

---

<sup>20</sup> King Richard had the valour of Hector, the heroism of Achilles; he was not inferior to Alexander nor less valiant than Roland. No, he easily surpassed in many respects the most praiseworthy figures o four times. Like another Titus, ‘his right hand scattered help’. Also, which is very unusual for one so renowned as a knight, Nestor’s tongue and Ulysses’s wisdom enabled him to excel others in every undertaking, both in speaking and acting. His skill and experience in action equalled his desire for it; his desire did not betray a lack of skill or experience.”

## Conclusão

Indicamos neste artigo a importância da escrita na promoção da figura régia ou para propor um modelo de rei ideal durante o século XIII, como também a importância de Ricardo I na inauguração de um novo modelo régio, o de rei-cavaleiro, no qual as virtudes cavaleirescas formam o princípio de governo. Podemos verificar na fonte Ricardo aplicando a justiça, sendo protetor da fé cristã e defensor dos territórios, congregando todas as principais funções que o rei medieval ideal necessitava possuir, mas sobretudo como um líder militar e um grande cavaleiro.

É ressaltado na crônica este aspecto guerreiro de Ricardo, sua valentia e aspecto bravio no campo de batalha. Como indicado, esta valorização do caráter guerreiro pela Igreja se insere na aproximação entre ela própria e a cavalaria. Deste modo, o comportamento visto como digno é aproximado da ética cavaleiresca entre os séculos XII e XIII, mesmo período em que há a afirmação da cavalaria como ordem, assumindo um perfil social, ético e ideológico. Esta ordem sofre um processo de formalização mais acentuado durante o período de vida de Ricardo, resultando em um novo modelo de soberano, o qual seria o de rei-cavaleiro. É verificado, deste modo, que para a Igreja a função de líder militar do rei é cada vez mais valorizada.

A falta de críticas a Ricardo na fonte e a valorização de suas habilidades o fazem ser um modelo de rei ideal. Pudemos então demonstrar como os valores da ética cavaleiresca se tornam ideais para

o soberano medieval. A falta de maestria de João I como *estratega* gerou uma demanda para relembrar a figura de um rei exemplar, um rei-cavaleiro, feita então na figura de Ricardo. Suas proezas cavaleirescas e seus dons como estratega são ressaltados, servindo de exemplo para o novo rei, Henrique III.

## **Referências:**

**BARLOW, F. *The Feudal Kingdom of England, 1042–1216*.** Harlow: Pearson Education. 1999

**BERTOLI, A. L. *O cronista e o cruzado: a revivescência do ideal da cavalaria no outono da Idade Média portuguesa (século XV)*.** 175f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009

**CARPENTER, D. *Struggle for Mastery: The Penguin History of Britain 1066–1284*.** Londres: Penguin. 2004

**CHRISTIE, N. *Muslims and Crusaders: Christianity’s Wars in the Middle East, 1095-1382, from the Islamic Sources*.** Routledge: London, 2014

**CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*.** Presses universitaires de France, 1980.

**DANZIGER, D; GILLINGHAM, J. *1215: The Year of the Magna Carta*.** Londres: Coronet Books. 2003

**DUBY, G. *A sociedade cavaleiresca*.** Tradução de COSTA, T. Editorial Teorema: Lisboa. 1979. Título original: *La Société Chevaleresque*

\_\_\_\_\_, G. “As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo” Tradução de: DIAS, M. H. C. 2<sup>a</sup> edição. Lisboa: EDITORIAL ESTAMPA, 1994. Título original: *Les Trois Ordres ou l'Imaginaire du Feodalisme*

\_\_\_\_\_, G. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo.** Tradução de: RIBEIRO, R. J. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1988. Título original: *Guillaume le Maréchal ou Le meilleur chevalier du monde*

\_\_\_\_\_, G. **O tempo das catedrais: a arte e a sociedade, 980-1420.** Tradução de: SARAGAMO, J. Editora Estampa: Lisboa. 1979. Título original: *Le Temps des Cathédrales: L' Art et la Société, 980-1420.*

FLORI, J. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média.** Tradução de: SANTOS, E. T. Editora Madras: São Paulo. 2005. Título original: *La chevalerie*

\_\_\_\_\_, J. **Cavalaria.** Tradução de: MONGELLI, L. M. In: LE GOFF, Jacques & SCHITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval.* Vol. I. Bauru, SP: Edusc; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002a.

\_\_\_\_\_, J. **Ricardo Corazón de León: El rey cruzado.** Editora Edhsa: Barcelona, 2002.

GILLINGHAM, J. **The angevin empire.** Londres: Arnold, 2001

GUIMARÃES, M. L. *Crônica de um gênero histórico.* In: **Revista Diálogos Mediterrâneos**, n. 2 – maio, 2012, p. 67-78

\_\_\_\_\_, M. L. **Estudo das representações de monarca nas crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV).** O espelho do rei: “- Decifra-me e te devoro”. 289f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Arte. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

\_\_\_\_\_, M. L. *As intenções da escrita da História no outono da Idade Média*. In: TEIXERA, I. S; BASSI, R. (org.). **A Escrita da História na Idade Média**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2015. P. 76-89

HINDLEY, G. **Saladin**. London: Constable & Company Ltd., 1976.

HOECKE, L. **Algumas perspectivas do Cavaleiro Medieval na obra de Georges Duby**. Revista Trilhas da História: Três Lagoas, v.3, nº6 jan-jun, 2014.p.113-120.

HUSCROFT, R. **Ruling England, 1042–1217**. Harlow: Pearson. 2005

JOTISCHKY, A. **Crusading and the Crusader States**. Routledge: London, 2004.

KAEUPER, R. W. **Chivalry and violence in medieval Europe**. Oxford: Oxford University. 1999

LE GOFF, J. **Rei**. In: LE GOFF, Jacques & SCHITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Vol. II. Bauru, SP: Edusc; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002b.

MACEVITT, C. **The Crusades and the Christian World of the East: Rough Tolerance**. University of Pennsylvania Press: Philadelphia, 2008

MOCELIM, A.“**Segundo conta a estória...**” **A Crônica Geral de Espanha de 1344 como um retrato modelar da sociedade hispânica tardio medieval**. 2013. 317. Tese (doutorado em História). UFPR. Curitiba, 2013

NICHOLSON, H. J. (ed.). **Chronicle of the Third Crusade: A translation of the *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi***. Ashgate: New York, 2016.

OLDENBOURG. Z. **As Cruzadas**. Tradução de: SARDINHA, M. R., PEDROSA, V. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1968. Título original: Les Croisades

PHILLIPS, J. **The Crusades, 1095-1197**. Longman: Edinburgh, 2002.

ROUSSET, P. **História das Cruzadas**. Tradução de: LACERDA, R. C. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 1980. Título original: Histoire des Croisades.

RUNCIMAN. S. **Historia de las Cruzadas: El Reino de Acre y las últimas Cruzadas v.3**. Tradução de: BLEIBERG, G. Revista de Occidente. Madrid, 1958. Título original: Volumen III: The Kingdom of Acre and the Later Crusades

RUST, L. D. **Bispos guerreiros**: violência e fé antes das cruzadas. Editora Vozes: Petrópolis, 2018.

SANCHEZ, P. J. G. **El género historiográfico de la chronic**a: las crónicas hispanas de la época visigoda. Cáceres: Universidad de Extremadura. 1994

STAUNTON, M. *Richard of Devizes, Walter Map, and Richard de Templo: History and Literature*. In: **The Historians of Angevin England**. Oxford University Press: Oxford, 2017. P. 128-152

STUBBS, W. **Itinerarium peregrinorum et gesta regis Ricardi**. Londres: Longman, Green, Longman, Roberts, and Green. 1864

Recebido em 19/08/18 aceito para publicação em 03/01/19